

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro

OBRAS COMPLETAS

teatro

1971
EDITORIAL ESTAMPA
LISBOA

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS



3
teatro
OBRAS COMPLETAS

Copyright

Herdeiros de José de Almada Negreiros

Todos os direitos para esta edição estão reservados pela
Editorial Estampa, Lda., conforme a legislação em vigor.

AQUI CÁUCASO

a
minha mulher
e a
meus filhos

Figuras:

1.º jovem	o que lê
1.ª jovem	a que quer saber
2.º jovem	o que comunica
2.ª jovem	a que mal sabe que conhece
pastorinho	o que guarda

O convívio tem acompanhante vitalício, o acompanhante genial: o entendimento.

O timbre da voz, o gesto parecido, a mirada que consente, o ouvir que conhece de longe o perto, são abecedário do entendimento.

Põe aqui o entendimento, todo, inteiro, uma esfera, e a seu lado a inteligência noutra esfera não é senão diversão da primeira esfera, igual.

Sempre me aconteceu o mesmo: terminado o trabalho de uma obra, começara então a inteirar-me do que afinal havia ficado concluído.

A obra que durante a feitura do seu trabalho me pareceu constantemente minha, chegada a final, logo me varria da memória a minha autoria, tornara-a mesmo inexistente, e deixara-me diante dela como diante de autor anónimo que me tivesse precedido.

O que haveria então de meu durante o tempo empregado para a categoria ultimada na obra?

O que haveria? haveria precisamente o que significa no seu mais amplo sentido a palavra autor. E de meu? de meu, apenas o tempo preciso para finalizar obra.

A parte pessoal do autor conta sempre até ficar paga por obra ultimada. Isto é, a categoria da obra mede-se pela

inexistência pessoal do seu autor. Obra é sinal. Sinal com particular, caduca, não é sinal. Sinal é para acto. Em acto é que vive pessoal.

Vou dizer-te o que não ficou escrito na Hierarquia. Para ti, oh hierárquico, é novidade.

Ora, há duas espécies de novidades: a do que foi esquecido e a do que nunca foi conhecido.

Em realidade, ambas são esquecimento, imperdoável para imortais.

Sabes a quem se deve a nascença de Atena?

Não! não foi ao cobridor. Nem sequer houve fêmea para macho cobrir.

A Efaisto? Tão-pouco. Ele vem depois da ideia-causa. Ele faz apenas de não-falta da tua falta.

E a quem se deve então Atena?

Lembras-te, Zeus omnipresente, do que significa o nome Prometeu?

Lembro-te eu? Prometeu: o precavido. Precisamente o que tu não foste, oh divindade imortalmente omni-satisfeita: Precavido:

Eu próprio nasci imortal a teu lado por deficiência tua em precaução.

Como podia Homem em Terra ser precavido se para mortal não havia nada tal que lhe correspondesse em imortalidade?

Ao que não é precavido tudo lhe acontece em achar-se roubado, e fica mão-leve para castigos pesados, e põe erro a tudo, e é tão extensa a lista dos castigos que parece autoridade.

O autor de «Aqui Cáucaso» vem apresentando a sua já vasta obra, umas vezes em pintura, outras em verso, outras em teatro, e ainda noutras manifestações de arte, evidenciando deste modo um caso pessoal, que é afinal precisa-

mente o que ele nega, afirmando «não fazer senão cumprir o mundo de arte, no qual vive, e do qual outros foram afastados cruelmente, pois que é cruel afastar cada um do que a nascença lhe dá virgem: sentir e mental, este duo separado cujo informe e brutidade iniciais é só ao próprio vir deslindar»; é afinal um verdadeiro caso pessoal, pois é mais invulgar do que pareceria possível, não especializar-se em nenhuma das artes e entretanto não actuar nunca fora do mundo de Arte.

Ele o diz: «Como os cinco sentidos físicos são a aparência da Unidade individual humana, assim as determinadas várias artes são os sentidos da Unidade Arte.» (1). E depois: «Que pinte, que escreva, versos ou teatro, estudos ou diversão, não os reconheço senão ao espelho da aceitação que tiverem anònimamente. Sem este espelho não me seria possível encarar a coerência e probidade minhas. Se fosse especialista cultor de determinada arte não ficaria evidente a sua aceitação anónima, confundida com a embaraçante aceitação conhecedora ou erudita, fàcilmente logo interessadas fora de Arte.»

E ainda: «Como diz incomparàvelmente George Braque traduzindo textualmente o silêncio do Homem, *depois de certo tempo, a vida e a arte, são uma e a mesma coisa*, não significa que entretanto sejam trasladáveis de uma para outra, o da vida e o da arte. Não são trasladáveis, e quando equivocadas de lugar, resultam conflito onde não existe senão oposição.

Aqui, o exemplo mais categórico é o da palavra Liberdade. O seu significado, e até o profundo do seu significado é o mesmo na vida e na arte. Em ambas o significado é futuro à palavra, a qual absorve e torna preciso o significado de esperança.

Mas acontece, (cada coisa não dispensa o modo como ela é coisa) acontece liberdade não ser senão a conquistada por próprio. Este exercício vai facilitado em arte, apenas facilitado, enquanto a vida aguarda de arte a decisão de acto.

Sobejamente se entende, nesta permuta vida-arte, a

ACTO ÚNICO

Um rochedo no cume de um monte. Ouve-se vir chegando a guisalhada de um rebanho. Até que passa o grande rebanho. Entretanto na mesma voz, (pastor de rebanho) de espaço a espaço, diz os nomes de personagens mitológicas

— Zeus... Apolo... Hermes... Dionísios... Eros... Psique... Kárites... Afrodite... Atena... Musas... Prometeu... Prometeu... Prometeu...

que se ouvem ainda depois de passado o rebanho. Muito depois chega um jovem alpinista. Fatigado mas vitorioso por atingir o cume. Sobe ao rochedo, volta-se para onde veio e levanta um braço, gritando para baixo:

— Eureka!

(E maravilhado começa a olhar em redor.)

— Maravilha!

Maravilha das maravilhas!

O mais remoto e o actual, de mão-dadas, ambos à nossa mão!

Aqui a unidade não se divide.

Aqui a unidade é.

(Entretanto chegou outro alpinista, uma jovem, tão fatigada que apenas pode ir deitar-se no rochedo.

Primeiro alpinista continuando):

— Aqui Cáucaso! A rocha de Prometeu!

(*Aponta à esquerda.*)

— Oriente.

(*A direita.*)

— Ocidente.

(*Ao fundo.*)

Norte.

(*Ao público.*)

— Sul.

— Aqui Cáucaso.

Porquê? Prometeu? Porquê tu aqui? Porquê no Cáucaso tu, o amigo do Homem?

Porquê não além no Oriente?

Porquê não além no Ocidente?

Porquê não além no Norte?

Porquê não além no Sul?

Porquê aqui que não é oriente, que não é ocidente, que não é norte, que não é sul?

Foste tu Prometeu, o amigo do Homem, quem escolheu este lugar para ti?

Ou foram os deuses imortais que o escolheram para o teu castigo perpétuo?

De ambas as maneiras foi bem escolhido o lugar aqui no Cáucaso: não-oriente, não-ocidente, não-norte, não-sul. Nenhuma parte!

Só aqui podias guardar o que roubaste aos deuses imortais: Fora do oriente, fora do ocidente, fora do norte, fora do sul. Fora de cada uma das gentes das quatro partes da Terra. Fora dos deuses imortais.

Só aqui os deuses imortais acharam o melhor lugar para que fosse visto das gentes de todas as partes da Terra o teu perpétuo castigo: do oriente, do ocidente, do norte, do sul.

Os deuses imortais decidiram bem ser aqui o único lugar para o castigo do amigo do Homem: de todas as partes da Terra se vê o castigo perpétuo, mas vê-se só o castigo, já não se vê porquê foi castigado o amigo do Homem.